

ENTREVISTA

MUSEO DE ARTE LATINOAMERICANO DE BUENOS AIRES

MALBA – FUNDACIÓN CONSTANTINI

Entrevista realizada com a educadora [Florencia González de Langarica](#) que coordenou o educativo do Malba até 2012, concedida em agosto de 2011 para a professora doutora Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva que realizou seu pós-doc no Instituto nacional Del Arte – IUNA em Buenos Aires.

MC - Nome completo do responsável pelo Setor Educativo:

Florência - Sou eu, meu nome é Florencia González de Langarica.

MC Sua idade e formação?

Florencia - Tenho 31 anos e me formei na Escola Nacional de Belas Artes, Professorado e Museologia e cursei algumas disciplinas de história da arte.

MC - Quantas pessoas trabalham no Setor Educativo?

Florencia - Comigo somos nove pessoas. Responsável pela área que sou eu, uma assistente geral, uma assessora pedagógica e seis educadores que são as pessoas que realizam as ações guiadas e os programas educativos.

MC - Que tipo de educação tem essas pessoas que trabalham com você?

Florencia - Em geral é bastante variada, mas o perfil da maioria é história da arte, de belas artes e de teatro. Alguns deles são artistas também. Além de ser professores são artistas plásticos, outros gravuristas, há um ator. A orientação é que sejam de carreiras de artes, a maioria já se graduou.

MC - Quanto tempo tem o MALBA e o Setor Educativo?

Florencia - O museu existe há quase 10 anos, desde setembro de 2001, e o Setor educativo desde o começo do Museu, era uma área muito menor, os programas eram reduzidos e as pessoas também eram poucas. Quando o museu começou a funcionar se trabalhou com público escolar não necessariamente públicos especiais. Era nível inicial até 18 anos, e

público em geral. Também atividades com pessoas convidadas do meio acadêmico, especialistas que ofereciam conferências ou diálogos vinculados com as mostras temporais.

A partir de 2003 começaram os trabalhos educativos para as pessoas da terceira idade (adultos maiores), depois públicos cegos, e houve uma mudança radical a partir de 2006 que é quando começam a surgir trabalhos e material educativo para os públicos com todo tipo de incapacidade.

MC - A equipe é formada por pessoas contratadas ou se trata de um trabalho temporário?

Florencia - As nove pessoas mencionadas fazem parte de uma equipe permanente. Três trabalham jornada completa, nove horas por dia e os demais educadores trabalham seis horas por dia. Há outros educadores que trabalham de forma eventual, são contratados, apresentam faturas e são contratados para determinados períodos. Férias de inverno, de verão, para reforçar atividades ou como suplentes, no caso de um de nós adoecer. Quase sempre são as mesmas pessoas que eu fui selecionando. Eles têm outros trabalhos e são convocados quando há projetos específicos e colaboram especialmente para isso e recebem material e formação de nossa parte. Estas pessoas são em número de oito e nunca trabalham ao mesmo tempo juntas.

MC - Fale do trabalho que o Museu faz na atualidade. Quais os pontos mais importantes?

Florencia - Os programas educativos tanto para crianças como para adultos incluindo atividades para as escolas e escolas especiais também, terceira idade, adultos com deficiências adultos escolarizados, adultos em escolas de ensino médio, ou de capacitação laboral, todos esses programas têm uma particularidade que é na dinâmica de trabalho. É uma didática participativa que permite a utilização de recursos pedagógicos em sala, diálogos, visita de forma conjunta, um plano e guia com o que se trabalha, há estímulo a experiências, valor de testemunhos, experiências. A maioria dos recursos utilizados são visados para todos os programas. Fazemos ajustes de desenhos que às vezes são necessários. Há um material exclusivo para cegos que muitas vezes serve para outros programas como desenho universal e este material serve para tocar. Temos visitas guiadas também dirigidas a públicos adultos que são expositivas. Temos um público que solicita demanda então o museu tem que funcionar. A variedade de propostas que temos está dirigida a públicos muito distintos, é bastante inclusiva apesar de que ainda há bastante coisa a ser feita. Uma dificuldade que temos é a demanda. O museu parece grande, mas na verdade é pequeno, de gente, estrutura, espaço e isso não está ao tamanho da quantidade de pedidos de demanda.

Este último ano temos começado a pensar em entregar ferramentas ao visitante para que tenha certa autonomia. Não significa que a mediação não seja importante, mas é porque como educadores não podemos ser imprescindíveis. Aliás, nos colocamos como imprescindíveis e já não somos mediadores mas tradutores necessários. O museu tem que gerar outras ferramentas da área educativa que permitam que o visitante possa vir e se locomover de maneira autônoma, tenha ferramentas tanto o docente como o visitante com sua família, uma criança ou uma pessoa com incapacidade.

Existem materiais mais simples que não são auto-usáveis e que implicam em intervenção dentro do espaço físico. Trabalha-se outras áreas como as áreas de curadoria. Áreas que marcam o tempo de trabalho no museu. Há pouca experiência e só agora se está vendo o trabalho em colaboração com as áreas de curadoria, museologia, de desenho de exposições, onde se contempla a participação da área educativa, na planificação em conjunto no que se refere a exposição, curadoria e ação educativa. Para nós ainda é um desafio pois este é um museu que é muito dinâmico e tem uma variedade de propostas que às vezes é mais um centro cultural pelos horários. Há pessoas que vão ao cinema, a encontros literários e que é diferente do que vai às exposições.

A área educativa também propõe chamar de alguma maneira os públicos que tem certa “barreira” de entrar nos museus. De alguma maneira o fato de trabalhar uma proposta conjunta é difícil porque trata-se de uma instituição complexa. Inclusive o tipo de visitante é muito diverso. A longo prazo nosso objetivo é trabalhar a autonomia, pois nunca há suficiente quantidade de educadores. O objetivo é que mais pessoas possam ter acesso ao museu. Variedade maior de pessoas. Para mim o tema da acessibilidade e inclusão é um dos aspectos mais interessante deste museu não somente pelos programas. Quando falo de acessibilidade me refiro à variedade de programas, como facilitar o transporte a instituições que têm dificuldade em vir até nós, assim como não cobrar os programas educativos. Essas ações reforçam o objetivo de acessibilidade que derrubam certas barreiras.

[MC - Na Bienal do Mercosul \(exposição que ocorre no Brasil na cidade de Porto Alegre e reúne artistas do mercosul\) é utilizada a figura do curador pedagógico.](#)

Florencia - Sim. O tema da curadoria pedagógica aqui ainda não temos, mas é um dos itens que está sendo trabalhado. Aqui existem museus que estão dedicados à curadoria pedagógica como o MACRO que está em Rosário, que é um museu de arte contemporâneo e o museu Caraffa que está em Córdoba também contemporâneo e que juntos realizam tarefas muito interessantes a nível de educação e curadoria pedagógica. Em Caraffa também trabalham com acessibilidade principalmente com pessoas cegas.

MC - O primeiro projeto que nós fizemos foi com as maquetas táteis, no Museu de Arte de Santa Catarina - MASC. Porém, desistimos porque era muito caro construir maquetas a cada exposição. Agora nós propomos ao artista que ele nos apresente uma exposição acessível. Já estamos na quinta exposição acessível.

Florencia - Sim. Realmente tudo custa bastante. Aqui existe um centro contemporâneo que fica em Mendoza. É um centro de arte que está por inaugurar uma sala acessível. Uma sala onde convidam artistas. O nome é ECA Mendoza, eles trabalham cegueira também.

MC - A Pinacoteca de São Paulo também tem uma sala específica e há uma mediadora surda.

Florencia - Não sei se Eva te contou, mas nós tivemos um projeto em conjunto com uma instituição chamada “centros de dia” que são instituições educativas que não são a nível secundário, mas são para adultos e que muitas vezes são espaços culturais. É um projeto de dois anos que começou a ser planejado com uma programação anual. Antigamente havia no museu um espaço para pessoas cegas onde colocávamos as réplicas para que as pessoas manuseassem. Só que era algo muito frio. Imagina vir com um amigo e ele ser conduzido a um espaço em separado sem participar com as pessoas. Hoje é mais participativo. Todos podem ouvir uma descrição ou relato.

MC - Vocês têm feito alguma investigação mais formal relacionada a seu próprio trabalho?

Florencia - Trabalho formal não. Já começamos a fazer algumas apresentações em Congressos ou seminários, encontros de educação e museus, algum artigo que temos escrito. Há um ano começamos a nos apresentar e compartilhar nossas experiências. Nosso trabalho é teórico e prático.

MC - O tema das tecnologias tem entrado em discussão? Como dirigem este tema?

Florencia - O tema das tecnologias como ferramenta, na verdade, aqui é pouco o que está se fazendo. As poucas ferramentas são através da web do Malba, que vão desde um vídeo em linguagem de sinais, até alguns arquivos de áudio que podem ser ouvidos por pessoas cegas ou que não está em Buenos Aires. Não estão pensados para pessoas com deficiência e sim como recursos extras, básicos, de baixo custo e que por agora é um tema que não tem sido muito trabalhado. Isso também faz parte de obstáculos que temos que seguir suportando e faz parte do modelo curatorial e de desenho para as salas do museu pois ainda prima o acadêmico, o conteúdo por meio de informação, há uma coisa bastante austera no que diz respeito à ética, Há um processo de mudança de maneira de pensar por

parte das pessoas que ocupam cargos superiores no museu. A tecnologia é excepcional ou depende da exposição.

MC - Existe algum programa a distância ou que ocorra por formação?

Florencia - Ainda não. O que vamos testar no próximo mês é utilizar “streaming” ou transmissão ao vivo de algumas atividades. Como se trata de atividades controladas ocorrem no auditório ou numa biblioteca. Não na sala porque não se utiliza em termos de capacitação e que seria outro passo interessante.

MC - Uma das coisas que mais me chamou a atenção na visita é que o educador parecia que trabalhava com o grupo há muito tempo. Ele trabalhava com adultos com deficiências. A atenção que eles tinham com relação à explicação dele (Diego).

Florencia - Ele não trabalha mais aqui. Se precisas de alguma foto. Temos a autorização para te enviar.

MC - Florencia, agradeço a entrevista e te peço a autorização para publicar na revista Palíndromo, nossos educadores de museus vão gostar de conhecer outros trabalhos na América Latina. Muito obrigada.